



PERERÊ: DISCURSO(S) E PRODUÇÃO DE SENTIDOS

Hugo Hajime KIMURA (PIBIC – Fundação Araucária - UEM/GEDUEM)
Roselene de Fátima COITO (UEM/GEDUEM)

Introdução

Na perspectiva da Análise de Discurso francesa (AD), a leitura é uma atividade complexa na produção de sentidos. Isso ocorre, porque a AD estuda a relação da língua, discurso e ideologia, e nesta relação se dá a complexidade do sentido, o qual pode variar dependendo das condições de produção do discurso. Segundo Orlandi (2005, p.21),

no funcionamento da linguagem que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e história temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação.

Para tanto, motivados por esta teoria vamos traçar uma reflexão das histórias em quadrinhos “Pererê”, de autoria do Ziraldo. Procuraremos discutir as condições de produção do discurso e analisar as memórias, as ideologias, que se materializam nas imagens e nos enunciados das HQs.

“Pererê” teve a sua circulação inicial em outubro de 1960 e mensalmente era publicado pela revista “O Cruzeiro”. Ziraldo, através da história em quadrinho “Pererê”, é o primeiro a lançar no Brasil uma HQ de autoria nacional; foi também a primeira revista de um só personagem, e a primeira colorida originada no Brasil. A maioria das HQs, na época, eram exportadas de outros países e vinham prontas, principalmente dos Estados Unidos, como, por exemplo, as revistas “Luluzinha” e “Bolinha”. Estas serviam mais como diversão ou um passa tempo. Diferentemente, “Pererê” traça divergências como a crítica social de um período marcado por mudanças e por inovações na área da HQs para o país, com personagens de nossa terra. O “Pererê” representa um marco para as HQs do Brasil, caso se pensar em uma produção de cunho estritamente brasileiro e por uma técnica de coloração da história.



Os temas e os personagens são tipicamente brasileiros. A história situa-se na Mata do Fundão, que é localizado em algum interior do Brasil indefinido pela revista, onde se tem árvores, rios e natureza. O personagem principal, o Pererê, é um Saci, presente nas lendas e folclores nacionais, símbolo do Brasil.

Há ainda diversos personagens típicos e animais da fauna brasileira que fazem parte destas HQs. São entre eles Tininim (índio natural da Amazônia), Galileu (onça), Allan (macaco), Pedro (tatu), Moacir (jaboti), Geraldinho (coelho), General Nogueira (coruja), Boneca de Piche (namorada do Saci), Tuiuiu (Índia namorada de Tininim), entre outros. Essa turma toda é liderada por Pererê. A maioria dos nomes desses animais-personagens foi escolhida em homenagem aos amigos de infância de Ziraldo.

Com o saci, animais brasileiros e personagens típicos dessa terra, consegue-se observar uma história cultural artístico brasileira sendo criada. Ziraldo ilustra os quadrinhos procurando do leitor tanto a diversão com quadros de humores, como também uma visão crítica das situações ocorridas no contexto em que foram escritas, ou seja, o discurso das HQs de Ziraldo são interpelações de uma ideologia da época. De acordo com Cirne (1971), “poucas vezes, no quadro geral da literatura e arte brasileira, uma obra refletiu com tanta agudeza crítica os problemas sociais de sua época como o Pererê de Ziraldo” (CIRNE, 1971, p.35). Continua o autor, que as HQs de Ziraldo apresentam inovações no ramo da “caracterização tipológica, o aproveitamento formal das onomatopeias e o ritmo estrutural de certas histórias, relacionando-as com a realidade social e política.” (CIRNE, 1971, p.40)

Os quadrinhos de Ziraldo foram criados num período marcado por abalos e mudanças na sociedade. O Pererê nasce ao mesmo tempo em que surge o cinema novo, a poesia concreta, o teatro nas ruas, a bossa nova. Era um tempo em que muitas pessoas tinham a crença na mudança do país. “Os anos sessenta começavam com uma grande euforia nacional, todo mundo entusiasmado com a ideia de fazer deste país uma grande nação, com cultura própria, pensamento próprio. Essa ideia era contagiante e de certa forma atingia a todos”. (ALVES, 1969 apud CIRNE, 1971) Dessa forma, a revista Pererê era marcada pela ideologia nacionalista e pelas discrepantes contradições da época.

“Pererê” saiu de circulação a partir de abril de 1964, depois de 43 números e 182 histórias. Ela somente voltará à circulação em 1970, porém depois de algum tempo as



histórias pararam novamente. Atualmente são lançadas as reedições esporadicamente. Para esse trabalho fizemos um recorte desse primeiro período da história em quadrinho “Pererê”, que corresponde desde o seu início no ano de 1960 até o ano de 1964, quando a revista interrompe suas publicações. Ressalta-se também para o fato de que embora o final de “Pererê” no ano de 1964 coincida com o início da ditadura, essa HQ não tem nenhuma relação direta com a ditadura militar, uma vez que Ziraldo não foi censurado pelos mecanismos da ditadura.

1. A linguagem dos quadrinhos: a relação discurso-língua e discurso-ideologia

A partir das HQs “Pererê” procuramos analisar como acontece o funcionamento entre a língua e a imagem, essa dupla relação de articulação para obter o sentido. Vemos nelas a existência da opacidade como coloca as teorias da análise do discurso tanto na língua como na imagem, linguagem não verbal e iconográfica. Para isso, teremos como base os estudos teóricos da AD e estudiosos de histórias em quadrinhos.

Para AD, o texto é o lugar onde o discurso se materializa, a manifestação concreta do discurso. O discurso para ser discurso precisa de uma forma material, que não é algo consciente, mas sim um jogo ambíguo de interpretações de sentidos, e nesse jogo acontece a materialização do discurso. Ele está relacionado ao sujeito projetado no discurso, e não ao sujeito empírico. Desta forma, o discurso não tem significações vagas, na instância dos acontecimentos, têm-se as atribuições dos sentidos. Para Pêcheux (1975 apud ORLANDI, 2005, p.17), “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia.” Logo, no texto observamos os efeitos da relação entre discurso-língua e discurso-ideologia, determinado pelo o que pode e deve ser dito em uma condição social e histórica de produção.

Em “Pererê” o discurso foi materializado através dos quadrinhos, que por sua vez possui uma linguagem autônoma, como classifica Ramos (2010), pois apesar de as HQs estarem em diálogo com a literatura, cinema, pintura, fotografia, apresenta recursos próprios em que se encontram palavras ligadas a elementos visuais que estão interconectadas para produzir sentido. Diferente, por exemplo, do que ocorre com a literatura, onde se tem somente palavras, daí a definição de os quadrinhos terem uma



linguagem autônoma, assim como encontramos linguagem autônoma em literatura, cinema entre outros.

A relação discurso-língua se encontra na história em quadrinhos pensando a língua em funcionamento, que ocorre por meio dos balões, oralidade, onomatopéias, cena narrativa, caracterização dos personagens, tempo, espaço. Todos esses elementos, quando articulados significam e produzem sentido, dentro das HQs.

Uma característica importante dentro das HQs são os balões. Eles podem representar a fala de um personagem, quando estiver em diálogo; há também situações em que elas representam o pensamento. Aqui pensado a relação discurso-língua como a língua em funcionamento. Seja ela representada pelas letras ou pelos balões.

Segundo Fresnault-Deruelle (1972 apud RAMOS, 2010, p.34), os balões “que dão originalidade e ajudam a tornar as histórias em quadrinhos um gênero específico”. Para Acevedo (1990 apud RAMOS, 2010, p. 36), o balão possui duas partes: o continente, com corpo e rabicho ou apêndice; e o conteúdo, com a linguagem escrita ou imagem. O balão de fala é o mais comum, possuindo um formato arredondado, porém existe ainda uma diversidade grande de balões como: balão-pensamento, balão-cochicho, balão-berro entre outros. Estudos realizados por Robert Benayoun, e mencionados nos estudos de Cirne (1970) e Ramos (2010), mostra que o pesquisador elencou 72 formas distintas de balão. Entretanto Ramos (2010) argumenta que este levantamento está defasado, pois na época que foi feito não existia o computador, que atualmente abre oportunidades para uma quantidade ainda maior de balões.

A oralidade nos quadrinhos é vista pelos diferentes tipos de letras que observamos dentro dos balões ou fora, sentido a expressividade dos personagens. Por exemplo, quando as letras estiverem em letra maiúscula destacada, pode se ter uma situação de grito ou desespero. Quando uma palavra está destacada em relação a outras o autor pode querer dar ênfase a algo específico. Portanto, tanto os balões significam quanto as formas que as letras se encontram dentro dos balões. Conforme Ramos (2010, p.56), “A palavra, ao mesmo tempo em que representa o som ou um conjunto de sons, pode adquirir outros significantes”.



Outro fato que chama a atenção dos estudiosos das HQs são os diferentes níveis de fala, ou seja, as diferentes variantes linguísticas encontradas, desde o mais informal até o mais formal.

Já dentro ou fora dos balões a onomatopeia desempenha a função de representar uma aproximação direta com os sons existente no mundo. Ziraldo se utiliza muito das onomatopeias revelando mais uma vez traços da cultura brasileira por meio da língua. Uma cena de personagens atirando seria muito mais impactante, em que se tem uma aproximação com o real, o uso da onomatopeia “BAM”, ao invés de só ter a imagem. Por exemplo, em situação de um personagem dormindo usa-se o “ZZZ”, para imitar o sono. Hoje existe uma infinidade no número de onomatopeias, e com a entrada dos mangás no país, que utilizam bastante esse recurso, teve-se um aumento ainda maior, com as traduções feitas a partir dos originais japoneses. Contudo é sabido que, as onomatopéias trazem em sua essência de existência representações de sons típicos de cada cultura. Mais uma vez, o traço de brasilidade na produção de Ziraldo.

Sobre a cena narrativa dos quadrinhos, as HQs são compostas de quadrinhos ou vinhetas, em que se tem uma cena narrativa, ligando-se com a vinheta seguinte, para que a trama se desenvolva. Ramos (2010) argumenta que em cada vinheta é como se tivéssemos um instante congelado e nesse instante congelado pode-se surgir o movimento, como por exemplo, um atleta correndo. Vergueiro (2006 apud RAMOS, 2010, p. 90) escreve que o “quadrinho ou vinheta constitui a representação, por meio de uma imagem fixa, de um instante específico ou de uma sequência interligada de instantes, que são essenciais para a compreensão de uma determinada ação ou acontecimento”.

Na parte imagética têm-se os personagens, que são o elemento desencadeador fundamental para o andamento da trama. Ou seja, pelas ações dos personagens ocorre o desenvolvimento narrativo. Como linguagem iconográfica é fundamental a caracterização adequada de acordo com as situações distintas. Por exemplo, em os elementos faciais ajudam a descrever a emoção que um personagem está sentindo no momento. Não apenas os balões de fala que dão o sentido nas HQs, mas também as imagens atuam de forma igual ou maior do que a escrita dos balões.



O tempo e espaço são também características das HQs que envolvem o relacionamento com as imagens. Segundo Ramos (2010, p. 128),

o tempo é elemento essencial nos quadrinhos. É percebido pela disposição dos balões e dos quadrinhos. Quanto maior o número de vinhetas para descrever uma mesma ação, maior a sensação de prolongamento do tempo.

Em relação com o tempo está o espaço, que pode ser descrito de várias maneiras, ou seja, um ambiente pode sofrer variadas construções e angulações descritas de acordo com o que é dada ênfase maior, tanto para retratar o lugar, como também com a participação dos personagens.

Visto a estruturação das HQs, acreditamos que todos os elementos, tanto verbais como os não-verbais e iconográficas levantados, estão em relação, na qual trabalham simultaneamente para produção do discurso. Entretanto, considerando os princípios da AD é relevante para a produção de sentido a relação discurso-ideologia. Para Orlandi (2005, p.19), “nos estudos discursivos, não se separam forma e conteúdo e procura-se compreender a língua não só como uma estrutura, mas, sobretudo como acontecimento. Reunindo estrutura e acontecimento a forma material é vista como o acontecimento do significante (língua) em um sujeito afetado pela história”. Portanto, mais do que a estrutura das HQs, temos a história que constitui a HQ e a HQ que constitui a história.

De acordo com a AD, nós estamos sempre condenados a significar; o sujeito da linguagem é afetado por uma ideologia e pela língua, não tendo controle sobre elas, sofrendo de interpelação. Assim, abordaremos as condições de produção do discurso para depois analisarmos as HQs de Ziraldo.

2. Condição de Produção do dizer: a relação discurso-ideologia

Refletir sobre as condições de produção nos faz entender o modo como os discursos são produzidos. A partir disso, analisaremos as condições de produção de “Pererê”, que nos faz pensar como estava organizada a sociedade no período em que a história em quadrinhos



foi produzida, como eram os discursos que circulavam e quais as ideologias que permeavam. Se tratando da HQ de Ziraldo, ela foi publicada numa época onde no país ocorriam pensamentos eufóricos de desenvolvimento, de criar uma cultura e um pensamento próprio para o país. Tudo isso, compreende a relação discurso-ideologia que pretendemos desenvolver neste tópico e aprofundar na análise de “Pererê”.

Segundo Orlandi (2005), as condições de produção compreendem os sujeitos e a situação e esse conceito pode ser classificado em sentido estrito e em sentido amplo. O sentido estrito ou o contexto imediato da enunciação compreende as circunstâncias da enunciação, “o aqui e o agora do dizer”, que no caso de “Pererê” se dá nas HQs que serão analisadas, o momento em que foram produzidas as HQs de Ziraldo. Já o sentido amplo compreende a um contexto mais amplo, são feitas as recuperações das memórias, os interdiscursos, a relação com o contexto sócio-histórico, recuperando-se a história e também os acontecimentos ocorridos.

Orlandi (2005) descreve ainda que as condições de produção dos discursos estão relacionadas com as formações imaginárias, em que se encontram a noção das relações de força, relações de sentido e antecipação. Sobre a relação de sentido é dito que um discurso sempre vai estar em relação com os outros. “Todo o discurso é visto como um processo de discurso mais amplo” (ORLANDI, 2005, p.39). Fazendo-se um comparativo com “Pererê”, consegue-se pensar os discursos na relação dos discursos encontrados na HQs com os outros discursos e memórias que circulavam na época.

Com o mecanismo da antecipação nos colocamos no lugar do interlocutor procurando antecipar o sentido que dará a algo. Podemos observar, desta forma, como Ziraldo queria alertar a sociedade através da HQ. Já a relação de força é o lugar a partir do qual o sujeito fala, por exemplo, a fala do professor significa de um modo diferente do aluno, em que a do professor vale mais, ou tem um poder maior. A questão das relações de força nos faz pensar como o discurso de Ziraldo estava ligado ao discurso de sua época, se era um discurso autorizado ou não, que no caso de Ziraldo, era autorizado.

Esses três mecanismos estão articulados nas formações imaginárias, e nela vemos: a imagem que o sujeito faz dele mesmo; a imagem que ele faz de seu interlocutor; a imagem que ele faz do seu objeto de discurso; a imagem que o interlocutor tem de si mesmo; a



imagem que o interlocutor tem de quem lhe fala; a imagem que o interlocutor tem do objeto de discurso.

Pela formação discursiva o sujeito marca a sua posição no discurso, ou seja, ele define o que pode e deve ser dito em uma conjuntura sócio-histórica. Esse conceito é relevante, pois as palavras vão mudando de sentido segundo a posição ideológica da pessoa que produziu o discurso. A cada momento os discursos são (re)significados, por meio disso a linguagem vai sendo deslocada, novos discursos vão sendo criados, observando-se, desta forma, a incompletude da linguagem, pois sempre existirão da falta, do movimento. Na análise observaremos as diferentes leituras que podemos fazer de acordo com a formação discursiva e sua produção de sentidos.

Aventadas essas questões, temos que o discurso-língua se dá na materialidade do verbal e do não-verbal, tanto no que se refere aos balões quanto no desenho dos personagens e que o discurso-ideologia ser revela nas condições de produção e nas formações discursivas que constituem as HQs de Ziraldo. Por isso, no próximo tópico, partiremos para a análise da HQ eleita para esta reflexão.

3. “Pererê”: “Galileu e o sindicato” – uma análise discursiva

O material escolhido para a análise foi o quadrinho tirado de “Pererê” com o título “Galileu e o Sindicato” da edição de janeiro de 1964. A história fala de uma greve que foi decretada pelos sindicatos de caçadores de onça. Os trabalhadores que entram em greve são o Compadre Tônico e seu Neném. O Compadre Tônico é um fazendeiro e sempre nas HQs aparece com objetivo de caçar onças. Por isso, Galileu (onça) sempre está em apuros. Já o seu Neném é amigo de compadre Tônico e juntos estão nas caçadas.

Como eles entram em greve, Galileu fica livre das perseguições, por um tempo. A notícia chega aos ouvidos da onça pelo Pererê. Galileu vai abusar da situação, atrapalhando e provocando os grevistas. Isso faz com que o compadre Tônico enfureça, tomando decisão contraditória, para levar a história a um final inesperado, de furar a greve. Abaixo estão em anexo alguns recortes do capítulo da história em quadrinhos de “Pererê”. Primeiramente, temos em cena o Moacir (jaboti) trazendo uma carta do sindicato dos caçadores de onça aos



trabalhadores. Após a carta ser entregue, através da empregada Dodô, o compadre Tônico e seu Nenén começam a preparar a greve não caçando mais onças.



Figura 1.



Figura 2.

Em seguida temos a imagem em que os trabalhadores vão à luta, fazendo-se uma manifestação, porém, Galileu começa a provocar esses grevistas, que não podem fazer nada diante da situação.



Figura 3.

Galileu abusa, como se pode notar na figura abaixo, assim, compadre Tônico fica enfurecido, que o faz pensar se não poderia furar a greve e pegar essa onça.



Figura 4.

Tudo se finaliza quando o sindicato chama compadre Tonico e seu Nenén para participarem da reunião. Entretanto, este é encaminhado em uma sala e aquele para a sala dos furadores de greve, já que fez o que não deveria fazer.



Figura5.

Observa-se na trama de “Pererê” a representação de trabalhadores sindicalistas. Compadre Tonico e Seu Nenén são caracterizados como caçadores de onça (também fazendeiros), que entram em greve para reivindicar os seus direitos como cidadão. Não é um retrato de qualquer personagem, mas sim de trabalhadores sindicalistas encontradas na sociedade daquela época e, como tal, tinha como lema a “união faz a força”. Também, caçar onças era visto como normal.

Já, formação discursiva de sindicato vista nesta HQ de Ziraldo é de “organização social”, onde as pessoas se uniam para terem mais força quanto às reivindicações que faziam. Essa formação discursiva de sindicato é diferente da época da ditadura, que era de “enfrentamento social”. Se nesta HQ o sindicato é de uma maioria privilegiada – os fazendeiros -, na época da ditadura militar era do proletariado, principalmente da classe dos operários, em que também predominava o lema “a união faz a força”. E, nos dias de hoje,



pode-se dizer que o sindicato já perdeu essa caracterização de enfrentamento e adquire uma feição mais de associação de pessoas.

Notam-se as ideologias presentes nessa HQ pelos enunciados “o nosso sindicato é muito organizado”, “a união faz a força”; e do Jaboti “preciso pedir um aumento”. Os dois primeiros enunciados aparecem na fala dos personagens (figura 2) e comprova a formação discursiva de sindicato como organização social. São discursos que circulavam bastante na sociedade da década de 60. Já o enunciado “preciso pedir aumento” visto na figura 1, pela fala de Moacir, observamos a ideologia de um trabalhador explorado, com baixos salários.

Fazendo-se uma contextualização histórica e recuperando as condições de produção da obra, as greves operárias surgiram em torno de 1962 e 1963 reivindicando as chamadas reformas de base, pelos operários. Cirne (1971) argumenta que,

nunca até 1963/64, uma determinada classe social tinha se sentido tão atemorizado com a participação de outra classe nos destinos do país (...) A participação da média-burguesia na política se relaciona com o aumento de seus quadros nas formas organizacionais da sociedade, provocado pela crescente engrenagem expansionista do setor terciário. (CIRNE, 1971, p.33)

Ocorria nessa época uma intensa industrialização e urbanização na sociedade brasileira, entretanto tudo isso trazia também a exploração imposta pelo sistema governamental, o aumento da pobreza, sem a possibilidade de uma vida digna por parte dos cidadãos, e as greves no Brasil aumentaram consideravelmente no início dos anos 60. O capítulo de “Pererê” que estamos analisando faz uma caricatura da sociedade da década de 60 no país. Vemos por meio delas como é tratada a questão dos sindicatos, dos grevistas, com um final frustrante para o personagem, mas que provoca o humor nos leitores.

A imagem do compadre Tônico é construída de diversas formas. Em um primeiro momento, temos o compadre otimista e esperançoso com a greve. Isto é observado pela construção imagética, no próprio rosto e na expressão na construção de cartazes, que pela fala de compadre Tônico “O nosso sindicato é muito organizado” e “a união faz a força” observa-se essa confiança.

Já no segundo momento, os grevistas vão à luta. Desta forma, tanto compadre Tônico como o seu Neném adquirem características de alguém que está lutando para os seus



direitos. A expressão facial de compadre Tonico e seu Neném são diferentes quando comparados com as anteriores. Ambos gritam em seus discursos. Nota-se que o grito é expresso de diversas maneiras. Por exemplo, na figura 3, a não utilização do balão, com letras engarrafadas escritas repetindo-se “onça ou greve” em diferentes tamanhos, com alguns traçados no rosto do personagem e aos arredores da escrita, expressa um tipo de grito; na vinheta anterior vemos o grito representado por meio do balão de grito e pelas letras escritas dentro dela em negrito, fala dita por compadre Tonico.

O sentimento de perda de paciência, inicia-se com o sossego que Galileu pode passar na frente dos grevistas, como pode ser visto na figura 3, com a expressão onomatopeica “Buuuu!” dos grevistas. Tudo isso é feito pela articulação das imagens (expressão facial, postura, comportamento desenhado entre outros) com a fala e o pensamento dos personagens. Ziraldo, através das onomatopeias mostra os traços de brasilidade, como já foi dito anteriormente. Assim, compadre Tonico não aguenta a situação e resolve furar a greve, resultando no desfecho da história.

Cirne (1971) assevera que,

O recurso cinematográfico empregado nos últimos planos pelo Autor expressa sua subjetividade significacional diante do elemento surpresa. O compadre Tonico perde a sua individualidade ao ser conduzido para a sala dos furadores da greve, já que nela se encontram anônimos caçadores da onça, com um deles pensando <Eu ainda pego aquela onça...> Ou seja, pensando o pensamento do compadre Tonico enquanto indivíduo caracterizado psicologicamente, moral e socialmente. (CIRNE, 1971, p.56)

Com isso, observamos uma crítica em relação aos fatos políticos e sociais que ocorriam na época, a começar pelos personagens. Em um momento que todos deveriam estar unidos, tudo estava desorganizado, como foi possível de se notar na HQ.

Se tratando do personagem Galileu, a caça à onça e a comercialização da pele de onça era permitido às condições de produção da época, assim, as histórias foram aceitas quando veiculadas. Hoje, existem diversos órgãos que defendem os animais e a natureza e com certeza os discursos desse gênero seriam negados. A onça é retratada como provocadora, perdendo-se os traços de um animal, sem ferocidade e ganha características



humanas. Não somente o Galileu, mas também o Moacir (jaboti) e todos outros animais de “Pererê”.

Pelos personagens, vemos a valorização da cultura nacional. Por exemplo, o fato de participarem um saci, uma onça pintada e um jaboti expõem uma escolha discursiva de valorização nacional. Embora sejam desenhados como animais, ou tirado de lendas brasileiras (como o caso de Pererê), agem como homens de verdade e não como seres inferiores. O carteiro Moacir é o carteiro da mata do fundão. Um jaboti que adquiriu características humanas.

Consegue-se, ainda, pensar numa metáfora sobre a variedade de etnias que povoaram o Brasil, somada a miscigenação. Entretanto, não se tem, por exemplo, um homem branco rico como o personagem principal. O Brasil é retratado pela sua diversidade, com negros, brancos, índios, animais da fauna, em que muitas vezes as histórias são contadas por personagens que fazem parte da minoria no país, mas ganham a sua expressividade na fábula.

No Brasil, ao mesmo tempo de “Pererê” tínhamos o surgimento do cinema novo, a poesia concreta de Décio Pignatari e na música o movimento da bossa nova. Fatos marcantes culturalmente para o país. Por outro lado, no quadro político, ocorria a inauguração de Brasília no ano de 1960. “Pererê”, mesmo trazendo elementos de uma cultura nacional que perpetuava o imaginário brasileiro, revela que havia uma necessidade de confirmação e afirmação da identidade nacional.

Considerações Finais

Essa HQ no momento em que foi produzida era mais uma voz que ecoava na sociedade e que produzia sentidos; sentidos esses diferentes dos produzidos na época da ditadura, tendo em vista que o cerceamento do dizer era mais intenso na ditadura; e diferentes também da nossa época. A leitura ganha sentidos diferentes, através das formações discursivas distintas. Tanto a linguagem verbal como a imagética possui uma incompletude. Como coloca Orlandi (2005), “nem os sujeitos nem sentidos estão



completos, já feitos, constituídos definitivamente” e a cada dia estamos ressignificando os diversos discursos existentes.

Tudo o que é escrito ou desenhado é o resultado da escolha do sujeito discursivo. Ao mesmo tempo em que materializamos o nosso discurso estamos silenciando outros discursos possíveis. Dessa forma, não encontramos neutralidade na materialidade do discurso, ou seja, da mesma forma que na língua não encontramos uma transparência, como argumentam as teorias da AD, nas HQs que relacionam vários elementos (linguagem verbal e imagética), não existe essa transparência. Ocorrem interpelações pela ideologia, como vimos nesta HQ de “Pererê”.

Por meio de personagens representativos da nacionalidade brasileira, Ziraldo traz elementos constituintes da nossa cultura, da nossa época e da nossa política então vigente, desvelando aspectos sociais nos quais se constituíam e constituem a sociedade brasileira e as velhas e novas representações de práticas discursivas.

Referências

BERGER, John. **Modos de ver**. Trad. Lúcia Olinto. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

CIRNE, Moacy. **A linguagem dos quadrinhos**: o universo estrutural de Ziraldo e Maurício de Souza. 4^a ed. Petrópolis: Vozes, 1975.

CIRNE, Moacy. **Para ler os quadrinhos**. Petrópolis: Vozes, 1972.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3^a edição. São Paulo: Loyola, 1996.

GOMES, Ivan Lima. **Enquadrando o passado: a revista em quadrinhos Pererê (1960-1964) e seu olhar sobre a história**. Disponível em:

<http://www.historiainagem.com.br/edicao9outubro2009/04-perere.pdf> Acesso em: 15 out. 2012.

GOMES, Ivan Lima. **História e infância na revista em quadrinhos Pererê (1960-1964), de Ziraldo**. 2010. Disponível em:

http://www.rbhcs.com/index_arquivos/Artigo.Hist%C3%B3riaeinf%C3%A2ncianarevistae_mquadrinhosPerer%C3%AA.pdf Acesso em: 15 out. 2012.



IV CONALI - Congresso Nacional de Linguagens em Interação
Múltiplos Olhares
05, 06 e 07 de junho de 2013
ISSN: 1981-8211



ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos.** 6^a edição. Campinas, SP: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos.** 6^a edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Interpretação – autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico.** 2^a edição. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

PINTO, Ziraldo Alves. **Todo Pererê volume 1.** Rio de Janeiro, RJ: Salamandra, 2002.

PINTO, Ziraldo Alves. **Pererê.** Edição 1. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, jan. 1964.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos.** 1^a edição. São Paulo: Contexto, 2010.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a educação.** 3^a edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.